

I Seminário Brasileiro sobre Livro e História Editorial

Realização: FCRB · UFF/PPGCOM · UFF/LIHED

8 a 11 de novembro de 2004 · Casa de Rui Barbosa – Rio de Janeiro – Brasil

O texto apresentado no Seminário e aqui disponibilizado tem os direitos reservados. Seu uso está regido pela legislação de direitos autorais vigente no Brasil. Não pode ser reproduzido sem prévia autorização do autor.

JORGE ZAHAR, EDITOR PIONEIRO

por Ana Cristina Zahar¹

Meu pai, Jorge Zahar. Como defini-lo?

Difícil tarefa essa, sobretudo por ser um pai tão marcante e próximo como foi o meu para mim. Daí este depoimento ser um tanto pessoal. Primeiro, escrevi deixando as memórias correrem livres, esbocei momentos, lembranças, sem seguir qualquer raciocínio linear. Depois, reli entrevistas, matérias e o volume *Jorge Zahar*, publicado na série Editando o Editor, uma bela iniciativa da Edusp, para citar várias passagens ditas por ele mesmo.

Jorge Zahar era um humanista. Uma pessoa profundamente envolvida com o processo civilizador do Homem.

Desde minha infância, lembro de meu pai como um apaixonado por Baudelaire, o cinema europeu, *Les enfants du paradis* (filme a que assisti mais de 12 vezes, e chorou em todas), todo o cancionero francês, vinho francês, a culinária francesa, Buchanan's, Dimpus e Cutty Sark. Era um divulgador contagiante da cultura francesa, e admirador da inglesa. Amante da boa mesa, bom de copo, bom de papo, tinha na gargalhada farta, uma marca inconfundível.

Havia os Cavaleiros da Távola Redonda, como eu os chamava então: Ênio Silveira, Paulo Francis, Millôr Fernandes e Jorge Zahar. Grandes amizades de toda vida.

O sítio em Secretário era cenário constante. Muitas partidas de sinuca e 31 com tio Ivo e tio Ernesto (Erlanger). Quando Francis, outro parceiro freqüente, foi para Nova York, papai costumava fazer partidas “solitárias”, jogando por si e pelo amigo ausente. Secretário conjugava com várias coisas, uma Rolleyflex, muitas árvores plantadas... todas frutíferas.

Bebia-se bem lá em casa. Muitos amigos, a casa cheia de crianças também. Dona Ani, a grande companheira da vida toda, ali, atenta e cuidando. A Alemã, como a chamava com carinho Paulo, e também Ênio.

Era grande leitor de poemas, meu pai. Criança, eu adorava as noites em que, já um tanto “bebido”, ele ia à estante e pegava os livros para recitar Lorca, Baudelaire, Pessoa, Neruda... Ouvíamos também muitos discos de poesia, especialmente a coleção de poemas declamados, iniciativa do amigo Irineu Garcia.

Stendhal, *Le rouge e le noir*, *Madame Bovary*. Os clássicos, sempre os clássicos. A consulta a dicionários, hábito permanente: “Vamos ao dicionário”, ouvi em casa e durante os mais de 20 anos que trabalhamos juntos na editora.

¹ **Palestra proferida no I Seminário Brasileiro sobre Livro & História Editorial, que teve lugar na Casa de Rui Barbosa, no Rio de Janeiro, entre 8 e 11 de novembro de 2004.**

Meu pai estava sempre em busca do significado das palavras, ensinando a amplitude do conhecimento e o valor da palavra exata, sua beleza mesmo. Lembro um dia, eu devia ter uns dez anos, quando usei a expressão “porra”. Como não soubesse responder sobre seu significado, ele fez questão de explicar que se tratava do sêmen do homem, e que eu continuasse usando a palavra se quisesse, mas com conhecimento. Paulo Francis, sentado a seu lado na varanda do sítio, ficou encantado: não sabia que a paternidade envolvia coisas assim...

Foi um leitor voraz desde cedo, e tinha também o dom das línguas. A infância foi bem pobre, só cursou o primário... faltava grana para o uniforme. Foi um autodidata nas letras, no aprendizado das línguas, em sua formação cultural e também na profissão que veio a escolher. Um verdadeiro *self-made man* – num tempo em que o Brasil e o mundo ainda permitiam tal coisa.

Jorge Zahar nasceu em 13 de fevereiro de 1920, em Campos. O pai, libanês emigrado, era então guarda-livros na Usina de Santa Maria. A mãe, dona Maria – Marie, *lyonnaise*, “louca” –, uma vanguardista dos costumes para os padrões locais, causava espanto. Num carnaval, ela se fantasiou de modernista, vestindo um lado do corpo de homem e o outro lado, de mulher seminua. Ela teve grande influência no menino, a quem cedo ensinou a ler francês.

Em 1928 estavam em Vitória, Espírito Santo. Papai dizia que aos dez anos já “lia de tudo”, e que teve a sorte de caírem em suas mãos os volumes da biblioteca do pai de um amigo, os quais leu avidamente. Depois, devorou toda a biblioteca pública de Vitória. Contava também que na viagem de trem de Vitória ao Rio, aos 16 anos, lia Balzac e “chorava pra burro!”². Aos 15 – ainda em Vitória – começou a trabalhar, chegando a abrir para dona Maria uma boutique de chapéus, que logo pegou fogo.

Em 1936 a família chega ao Rio, são três irmãos e uma irmã caçula. É claro que vão para a rua da Alfândega e cercanias, reduto sírio-libanês da cidade. Moram em inúmeros endereços, que papai lembrava de cor vida afora. E muito trabalho. Dizia ter feito quase todo tipo de serviço nesses primeiros anos cariocas: distribuiu filipetas nas ruas (metade ele jogava fora nos bueiros...), vendeu amendoim que ele mesmo torrava na latinha e empacotava em cones, enfim, todo tipo de comércio informal da rua da Alfândega. Bom de números – ele somava mais rápido que as máquinas registradoras –, acabou ainda jovem ajudante no Caixa do Cassino da Urca. Cassino que também frequentou como cliente anos mais tarde.

Uma vida dedicada ao livro

Em 1940 Jorge Zahar começa a trabalhar com livros. Tinha 20 anos. Foi “iniciado” pelo anarquista espanhol Antonio Herrera – sogro de seu irmão mais velho, Ernesto, e dono da distribuidora de livros em que os irmãos Zahar foram trabalhar, na rua Rodrigo Silva. O negócio era a importação de livros técnicos: publicações sobre rádio amador e tal. A vida melhora, ele “faz a praça”, isto é,

² Jerusa Pires (org.), *Jorge Zahar, col. Editando o Editor, São Paulo, Edusp/Com-Arte, 2001, p.45.*

vende para as livrarias no Centro da cidade, onde prolifera o comércio livreiro. Frequentava a Lapa e a boemia intelectual, sempre de terno panamá e sapato branco. A Cinelândia era então o auge do chique. Por muitos anos atravessamos a Cinelândia – papai, meu irmão e eu – para almoçar, saindo da editora na vizinha rua México, e ele nunca se conformou com a decadência do lugar: lembrava as lojas, uma a uma, em torno da Praça, e os hábitos dos cariocas ali, bem-trajados, chapéus e bengalas, boas lojas, os cinemas.

Eram os anos de guerra e pós-guerra. Na América Latina a Argentina era o pólo editorial, além de difusor dos livros europeus. As viagens a Buenos Aires eram frequentes, e no trajeto de volta ele fazia a praça desde Porto Alegre até o Rio de Janeiro.

Foi na Livraria Kosmos, do amigo Erich Eichner, que conheceu Ani: amor imediato, casamento só anos mais tarde, em 1949, quando teve condições de “montar família”. A cerimônia religiosa só foi acontecer em Buenos Aires, por insistência dos amigos argentinos. E depois viemos nós, três filhos: Ana Maria, Ana Cristina, Jorge Júnior.

Em 12 de novembro de 1946 os irmãos fundaram a própria firma, que era de fato a continuação da Herrera, no sobrado da rua Rodrigo Silva. Se tornam “intermediários entre editores argentinos e ingleses, principalmente, e as livrarias [daqui]”³. Até então eram apenas distribuidores, daí o nome Ler, Livrarias Editoras Reunidas.

Em 1950 abriram a livraria Ler na rua México número 31. Meu pai começou a ter contato com professores e alunos da Faculdade de Filosofia, que era próxima, como José Carlos Lisboa e Marlene Castro Correa. Frequentavam a Ler os poetas Franklin de Oliveira, Moacyr Félix, Mário da Silva Britto, Thiago de Mello, e ainda Moacyr Werneck, Otto Lara Resende e muitos outros... “A livraria de São Paulo foi aberta em 1954, se bem que nunca chegou a desempenhar papel semelhante ao da livraria do Rio de Janeiro. No Rio, realmente a livraria Ler era uma das melhores da cidade. No campo das ciências sociais era certamente a melhor.”⁴

A Editora viria um pouco mais tarde, em 1956, e ele passa a se dedicar exclusivamente a ela. “Comecei então, dez anos depois, a Zahar Editores, como idéia minha, trabalho individual, embora estivesse associado a meus irmãos. A minha idéia era realmente fazer livros de ciências sociais.”⁵

Seu plano inicial era publicar autores *brasileiros* de ciências sociais. Enquanto aguardava a chegada dos originais encomendados para uma coleção de Ciências Econômicas – que nunca chegariam –, decidiu contratar algumas obras estrangeiras para serem traduzidas. Assim, em 1957 sai o primeiro título sob o selo Zahar Editores: *Manual de sociologia*, de Rumney e Meier, traduzido por Octavio Alves Velho – pai de Otávio e Gilberto, dois jovens antropólogos que vieram a colaborar em muitas obras da editora e que eram exemplos de uma “leva de profissionais acadêmicos convocados por Jorge Zahar para liderarem o trabalho de difusão editorial de uma bibliografia de ponta no campo das ciências

³ Jerusa Pires (org.), op.cit., p.31.

⁴ Jerusa Pires (org.), op.cit., p.40. Em intervenção durante a palestra, a paulistana Sílvia Borelli discordou de Jorge Zahar...

⁵ Jerusa Pires (org.), op.cit., p.32.

sociais”, nas palavras de Sergio Miceli no Prefácio ao volume da Edusp (e de quem tomei emprestado o título desta exposição).⁶

O editor de ciências sociais no Brasil

Editor pioneiro, Jorge Zahar soube unir seu refinado tino editorial à boa gerência e estratégia empresarial realista: “Sou um editor que tenho consciência de minha função social, mas sei também que é função minha pagar os autores. Pagar os autores, pagar os impressores, pagar o papelero – eu tenho que vender o livro. Nunca tive um centavo de subsídio de coisa nenhuma.”⁷

Naqueles primeiros tempos, trabalhava sozinho em uma enorme mesa tomada por livros e papéis em aparente confusão – aliás, a vida toda ficava danado quando alguém resolvia limpar e organizar sua mesa. Ele contava que no escritório da editora, na sobreloja da rua México – onde nos encontramos ainda hoje –, a porta ficava sempre aberta. Amigos e colaboradores entravam e saíam livremente. No fim da tarde era o *point* para um uísque restaurador, que muitas vezes acontecia enquanto ele ainda trabalhava na sala ao lado.

Santa Rosa, o pintor e amigo, teria assinado as capas da recém-criada editora se não tivesse desaparecido tão cedo. Mas o grande Z com um livro aberto a cortá-lo, logotipo característico da Zahar Editores, assim como as capas dos livros, com as típicas formas oblongas estilizadas *à la* anos 50 em torno do título e autor, foram de autoria do designer húngaro Érico Monte Rosa. O *slogan* da editora era: “A cultura a serviço do progresso social”, ecoando os princípios norteadores de sua linha editorial.

Ele sempre dizia que o editor tem que ter “sensibilidade ao fenômeno cultural”. E isso está refletido nos títulos e autores que escolheu publicar. Dentre os autores lançados no fim da década de 50 e início da de 60 merecem destaque: Sweezy, Fromm, Heilbroner, Galbraith, Baran, Toynbee, Bertrand Russell, Mannheim, Gordon Childe, Wright Mills, Schumpeter.

Em 1962 publicou seu maior sucesso editorial: *História da riqueza do homem*, de Leo Huberman, com centenas de milhares de exemplares vendidos no Brasil. Na seqüência dos anos 60 vieram obras de Freud, Laing, Melanie Klein, Bion, Winnicott e Jung na psicanálise, várias obras de Marx e de Althusser, e mais Marcuse, Weber, Sartre, Dobb, Mandel, Florestan Fernandes, McLuhan, Peter Drucker e Herbert Read. Em 1969 saíram *A revolução sexual* de Reich, *Literatura e revolução* de Trotsky e *Reflexões de um cineasta* de Eisenstein – sinal do amplo leque de interesses do editor.

No início dos anos 70 lança obras de Fernando Henrique Cardoso, de Maria da Conceição Tavares e dos irmãos indigenistas Villas-Boas. Publica também livros de Rosa Luxemburgo e de Hobsbawn, Piaget, Anna Freud, Dolto, e a grande biografia de Freud por Ernest Jones.

Em 1973 a sociedade com os irmãos se desfaz, ele fica com a editora apenas. Por receio de permanecer sozinho no negócio, estava tudo preparado para

⁶ Jerusa Pires (org.), *op.cit.*, p.21.

⁷ Jerusa Pires (org.), *op.cit.*, p.36.

se associar a Otális Marcondes Ferreira, dono da Companhia Editora Nacional e sogro de Ênio, quando Otális, já idoso, falece. Ele se associa então a Pedro Lorch, da Editora Guanabara, de quem se tornaria amigo até o fim da vida. Essa sociedade durou cerca de dez anos, e nesse período publicou o primeiro livro de Gilberto Velho (*A utopia urbana*), os 8 vols. da *História da filosofia* de Châtelet, e ainda Hélio Jaguaribe, Edgar Morin, Giddens, Poulantzas, Raymond Aron, Skidmore, Alain Touraine, Bachelard, Bergson e Eliade, Bottomore, Gunder Frank, Safouan, Binswanger e Ariès.

Em 1979 começou a publicar os seminários de Lacan, e lançou também a *História da arte* de Gombrich, além de *Carnavais, malandros e heróis* de Roberto da Matta. Em 1980 saiu o milésimo título da editora: *História da análise sociológica*, de Tom Bottomore. Nos anos seguintes vieram Chomsky, Durkheim, Habermas, Garaudy, *O ramo de ouro* de George Fraser e o primeiro de muitos livros de Garcia-Roza.

Um dos últimos títulos da editora foi o *Dicionário Zahar de música*. Em dezembro de 1984, a Zahar Editores terminaria suas atividades. Foram quase 30 anos e cerca de 1.200 títulos publicados.

A essa altura, o plano era iniciar uma nova casa editorial, com um novo sócio, que seria o Anderson, da Ática. Era demanda do Anderson que a nova editora levasse o nome Jorge Zahar. Os contratos já estavam prontos para assinar, literalmente na mesa, quando Anderson morre subitamente.

Apesar de tudo, decidimos levar nosso projeto adiante. Reconheçamos: é preciso muita coragem e dedicação a um ideal para se começar de novo aos 65 anos – especialmente um empreendimento cultural num país como o nosso! Esses sentimentos e orientação ele soube também transmitir a um jovem que então estava prestes a abrir sua própria editora: Luiz Schwarcz, a quem dedicou grande amizade e carinho.

Assim, em janeiro de 1985, Jorge Zahar – em associação com os filhos Jorginho e eu própria – dá início à nova editora que leva seu nome, e em julho são publicados os primeiros títulos com o selo Jorge Zahar Editor. Na nova casa, lançou a coleção “Brasil: Os Anos de Autoritarismo”, em que grandes nomes do cenário nacional faziam um balanço crítico do período 1964-84, além de dar início a duas coleções de psicanálise: “Campo Freudiano no Brasil” e “Transmissão da Psicanálise”. Publicou obras de Norbert Elias, Adorno e Horkheimer, Bourdieu, Perry Anderson, Nozick, Peter Burke, Gellner, Bauman, Foucault, Duby, Derrida, Badiou, Detienne e Vernant, e ainda Lacan, Miller, Dolto, Nasio e Roudinesco, entre outros. Teve especial orgulho em lançar o *Dicionário do pensamento marxista* de Bottomore, e duas grandes obras de referência na música: *Kobbé: o livro completo da ópera* e o *Dicionário Grove de música*. Merece destaque também a série de peças clássicas gregas em tradução do helenista Mário da Gama Kury. Dentre os autores brasileiros que publicou na nova casa estão Roque Laraia, Gilberto Velho, Eduardo Viveiros de Castro, Hermano Vianna, Celso Castro, Madu Gaspar, Danilo Marcondes, Roberto Machado, Garcia-Roza, Luiz Paulo Horta e muitos outros.

Em cerca de 40 anos dedicados à publicação de livros de qualidade, Jorge Zahar enriqueceu as prateleiras nacionais com quase 2.000 títulos nos mais diversos campos do conhecimento: história, filosofia, antropologia, sociologia, psicologia e psicanálise, ciências, educação, política e economia, arte, música, cinema, teatro e televisão, biografias, literatura clássica e obras de referência.

Participou ativamente da fundação do SNEL (Sindicato dos Editores de Livros) e foi um dos editores pioneiros da participação brasileira na Feira de Livros de Frankfurt, na Alemanha, o mais importante evento internacional do mundo do livro.

Foi talvez por premonição que juntou toda a família, coisa que nunca havia acontecido, na sua última ida a Frankfurt em outubro de 1997. Em março de 1998 recebeu a comenda de Chevalier des Arts et des Lettres em uma cerimônia em Paris. Para ele, deve mesmo ter sido uma enorme realização pessoal esse reconhecimento oficial da França, terra de origem de sua mãe. “Eu sempre fui um pouco desconfiado dessas coisas, mas na hora, quando a ministra falou seu pequeno discurso, confesso que fiquei emocionado. Eu, aos 78 anos, confesso que fiquei emocionado; depois eu logo me recuperei.”⁸ Assim ele descreveu a experiência, numa entrevista dada em Salvador, Bahia, em abril de 98, por ocasião do lançamento dos *Escritos* de Lacan – talvez sintomaticamente o último grande título que viu publicado em sua editora. Dois meses depois, em 11 de junho de 1998, o editor Jorge Zahar faleceu, vítima de uma endocardite bacteriana. Foram 78 anos de vida, 58 deles consagrados ao livro.

Na editora não havia mais o incessante toc, toc, toc da sua máquina de escrever. Tivemos que nos acostumar...

Mas a história continua. A neta Mariana, minha filha, que chegou a trabalhar oito anos junto ao avô, hoje tem papel fundamental nos rumos editoriais da casa. Há alguns anos a outra neta, Clarice, filha de meu irmão, também se uniu a nós trazendo, entre outras coisas, seu fino trato da língua portuguesa.

No próximo ano completam-se 20 anos de atividade da Jorge Zahar Editor. E em 2006 estaremos comemorando 50 anos – meio século! – do nome Zahar estampado nas capas de milhares de livros.

A dedicação de uma vida aos livros frutificou.

Uma seleção de frases de Jorge Zahar:

- “As árvores morrem de pé.”
- “Não tenho uma cultura acadêmica. ... Mas tenho formação literária.” (p.45)*
- “Você está falando com um editor absolutamente independente.” (p.37)
- “A figura do livreiro precisa ser protegida.” (p.41)
- “Negócio bom é vender pente Flamengo. Mas eu não sei fazer isso.”
- “A editora era um produto de Juscelino, era um produto da política de substituição de importações. O raciocínio é muito simples: Se você tem que fazer automóveis nacionais, tem que fazer também livros. Mas isso não significa que a

⁸ **Entrevista a Marcelo Veras, 18 abr 1998.**

importação termine: os Estados Unidos, a Inglaterra, a França, todos importam livros. Já está na Bíblia. Fazer livros é um trabalho sem fim.” (p.33)

•“Para fazer uma carta particular, eu ponho colarinho, gravata, colete, sou muito formal.” (p.63)

•“A *História da Riqueza do Homem* foi o livro que mais valeu a pena editar. Claro que cada livro que sai é um filho novo. ... Mas esse foi realmente o livro de minha vida.” (p.64)

•“Os livros que me dão um prazer enorme são os livros de música, por exemplo o *Dicionário Grove* e o *Kobbé: o livro completo da ópera*.” (p.65)

•“Livraria para mim seria um lugar do qual eu possa realmente tomar conta. Eu é que teria contato com o comprador de livro. Uma cadeia de livrarias não seria a minha livraria, seria só *business*. A minha livraria seria sempre aquela ligada a mim, em que eu saberia quando chegariam os livros, quem os compraria, seria eu quem telefonaria para as editoras – como eu fazia antes. Este é um negócio bonito e gostoso.” (p.46)

•“Entrevistador – O senhor acha que o livro vai morrer?

JZ — Foi meu amigo Josué Montello quem me chamou atenção para algo que ele lera em algum lugar. Qual o produto industrial que teve sobrevida tão longa? O livro é o único produto industrial que não mudou, ou mudou muito pouco, desde a Bíblia de Gutenberg.” (entrevista a Marcelo Veras, 18 abril 1998)

•“...[Ênio] era o editor realmente engajado. Não competíamos. Eu o admirava muito. Não há relação de amor em que você não admire o objeto amado. Ninguém sobrepujou Ênio em importância.” (entrevista a Paulo Roberto Pires, Prosa & Verso, 21 março 1998)

•“Se eu tivesse que escolher outra profissão, seria editor.”

* As páginas referem-se ao livro organizado por Jerusa Pires, já citado.